



TAXA PAGA  
PORTUGAL  
CONTRATO: 536425

CORREIO  
EDITORIAL  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE00602013CE



# Gaiato

Quinzenário • 28 de Junho de 2014 • Ano LXXI • N.º 1834 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## PADRE AMÉRICO

Modelo de Caridade para os nossos dias

### PROGRAMA

#### Abertura

Tema 1 — Na acção missionária da Igreja  
— D. António Taipa

#### Apresentação dos Rapazes

Tema 2 — Na Providência de Deus  
— Cón. Jorge Cunha

Lançamento do livro: «Padre Américo  
- Itinerário Vocacional»

#### Intervalo

#### Apresentação dos Rapazes

Processo de Beatificação de P. Américo  
— Mons. Arnaldo Cardoso

Tema 3 — Na Verdade do Homem em sociedade  
— Dr. Abel Magalhães

#### Apresentação dos Rapazes

Tema 4 — Na preferência pelos fracos e desprotegidos  
— Dr. Américo Mendes

#### Apresentação dos Rapazes

#### Encerramento

#### Celebração da Eucaristia

Moderador— Dr. Henrique Manuel Pereira

14h30 - 19 de JULHO  
CASA DIOCESANA DE VILAR - PORTO

### DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

TIVEMOS na nossa Celebração Dominical o Baptismo de um bebé, filho de um dos nossos Rapazes que constituiu família há alguns anos. Sua esposa *transpirava* alegria pelo seu filhinho, com um sorriso permanente e feliz.

É já muito raro, entre nós, um tal acontecimento. Mais raro ainda, a celebração do matrimónio com rapazes nossos, criados nas nossas Casas. Não nos admiremos. Assim como nas outras famílias, assim na nossa — todos bebem no mesmo ambiente social.

De há vários anos a esta parte que se instalou nas mentes a ideia de que só interessa viver o que é positivo. Tudo o que transporte consigo algo considerado negativo, que é o mesmo que dizer, sacrifício ou algum esforço e dedicação dolorosa pelo outro, deve ser rejeitado e tido como desprezível.

Daqui à aceitação fácil da prática de atitudes cruéis perante os outros, vai um passo muito curto, tendo-se como direito próprio o lavar das mãos e sacudir responsabilidades, pois a consciência é tida como coisa despiciente, sem valor.

Instalada, pois, como está, esta mentalidade, nada justifica e anima a que se assumam na vida compromissos, nomeadamente o matrimónio,

assim como a geração de filhos, que são causa normal de canseiras e prováveis angústias, desconhecendo quem assim pensa, quanta alegria e estímulo para a vida recebe aquele que cria e ajuda a crescer uma criança.

A aumentar ainda mais o grau de dificuldade para que um rapaz e uma rapariga unam as suas vidas em matrimónio, consequentemente assumido, está o facto de que eles são dois. Se foi sempre exigente este caminho, agora muito mais, dados os naturais escolhos, dúvidas e enfraquecimento da vontade que esta mentalidade social lhes põe e interpõe.

A cura destes males, que pesam sobre a sociedade — vejam-se os seus efeitos na economia — e sobre os indivíduos, não se alcança com dinheiro a estimular a fecundidade. Estes males são fraquezas da alma, que só se curam com a verdade do homem, nele reflectida pela Verdade do seu Criador.

As doenças da alma, responsáveis pela desarmonia pessoal e social, só se curam com o afastamento das suas causas. O encontro da alegria de viver descobre-se na contemplação da vida a nascer e na aceitação das contingências que a envolvem. □

### MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ANDO a ler a Exortação Apostólica do Papa Francisco. Vou nas primeiras páginas. É numa linguagem simples, que até parece familiar, que ele se dirige a todos — quer da Igreja, desde Cardeais ao colaborador mais humilde — na Missão do Reino de Deus. Fá-lo como: «A alegria da Boa Nova». Parece mesmo que se vislumbra uma dinamização do Reino, marcando metas e sinalização às estruturas arcaicas da Igreja que estão a impedi-la. Uma igreja que vá às periferias da própria sociedade, não só dos países considerados pobres, mas, também, os da economia de mercado, em que o culto do dinheiro, ambição do poder e do ter, não conhece limites e está a criar desigualdade social que, pela sua injustiça, cria revoltas, mas uma Igreja que saia das paróquias ao encontro dos caídos, que devem ter uma «comunidade de fé» que os acolha. E as igrejas não tenham as portas fechadas tanto no sentido próprio como no figurado. E tantas que agora o fazem por medo de ladrões ou só abrem para o culto.

Estou a lembrar-me de um amigo que tive em Lisboa que me dizia que quando precisava de se recolher para pensar, ia a São Domingos, na *baixa* de Lisboa, e ali ficava em meditação, que para ele nem era rezar, mas uma necessidade interior.

A exortação do Papa é um autêntico protesto contra a desigualdade social que gera violência. É um alerta a todos os países. «Quando a sociedade local, nacional ou mundial, abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos nem forças da ordem ou serviços secretos que possam garantir indefinidamente a tranquilidade. Isto não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reacção violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e económico é injusto na sua raiz.»

Que dizer desta sociedade em que vivemos, aqui? Parece que tudo vem a propósito. Nem me atrevo a um enunciado sumário, porque todos os países da chamada economia emergente estão a ser castigados por guerras, precisamente por isso. Que pena que os políticos não queiram aprender o que o Papa Francisco ensina. E não há outro caminho para a paz fora d'Aquele que o apontou há dois mil anos.

Peço aos nossos Leitores Amigos: qualquer donativo que nos queiram mandar seja encaminhado para a Casa de Paço de Sousa ou Setúbal. A nossa conta agora é no Millennium — Obra da Rua, Casa do Gaiato MZ 59000 1000000 284 314 27657. □

### PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## E uma bola furada

FOI um exemplo extraordinário a convocação de um encontro de oração entre os Presidentes israelita e palestino com o Patriarca Bartolomeu, pelo Papa Francisco que afirmou, a dado passo: *É preciso coragem para dizer sim ao encontro e não à briga.*

Mesmo em ambientes de ínfimas tensões, nomeadamente quem lida com garotada de sangue na guelra, não se pode andar na lua do romantismo. Por vezes, a realidade apresenta-se com surpresas e estranhezas. Ao olhar, ainda, para a oliveira que plantaram, descemos até ao nosso pequeno mundo, feito de margens, pois as enxurradas de políticas hipócritas e economias selvagens deixam rastros de destruição e muita gente caída, refugiada e abaixo na história, que urge levantar.

Um dos pequenotes que vem agora ao caso, o Bubacar, de 7 anos, confiado por uma Comissão de Protecção de Menores do sul do País, é franzininho, mas mais parece um garnisé, salvo seja. Quando se empertiga, por coisa pouca, há briga e lágrimas pela certa. Ao andar a espanar folhas nos arruamentos, a vassoura também salta pelo ar; e as refeições

e até o Terço são ocasiões para empurrões. Já lhe mostrámos o cenário de carneiros do rebanho que andam às marradas... O catraio quer trepar no que, ora e por aqui, se vai chamando em gíria *anelcagem*, diga-se miudagem.

O seu olhar tanto é maroto e embufado, nesses momentos, como se transforma em risonho e com andar ligeiro, quando se ocupa a ajudar a pôr as mesas. O ser humano é assim mesmo, na sua grandeza de liberdade, de criatura muito boa e única, qual imagem terrena do Amor sumamente perfeito. É um mistério de luz e sombra, em que *a sombra diz que a Luz é!*

Percebe-se melhor aquele pequeno, e tantos assim e até muitos mais caídos em valetas e entregues às imundícies das montureiras, quando mergulhamos no ambiente de onde provém. Apenas umas pinceladas do seu berço: pai desenraizado, com perdas afectivas, e desempregado, sem recursos. Como não vimos a sua mãe, nas nossas visitas domiciliárias, eis que nos lançou um grito: — *Ajude-me, uma pequena ajuda para enviar à mãe do Buba e comprar alimentação. Por favor.*

Na verdade, nas funduras de tantos conflitos emocionais e, por extensão, nacionais e internacionais, estão imensos esfrangalhamentos familiares, a ganância dos violentos e tantas injustiças e guerras sem conta, em focos por todo o mundo, feitas por poderosos e com negócios de armamentos. Contudo, acreditamos que, quando *um pobre invoca o Senhor, Ele atende-o e liberta-o das suas angústias.*

Por estes dias ocorre o Mundial, no Brasil das favelas e da paixão do futebol, em que há a quarta maior população prisional do mundo. Entre nós, depois das abençoadas ocupações, tão necessárias para distender tensões, as disputas são a feijões; porém, a rapaziada é contaminada e leva as coisas mesmo a sério. Para os pontapés à maluca dos cachopitos nas margens do recinto caseiro, temos é de estar prevenidos com esféricos já gastos pelos espigados, pois é aí que os companheiros do miudito, dito *pulga*, se entregam aos remates da bola, imitando os campeões. Também assim se vencem os brigões, pois ficam radiantes logo que chegam da escola e dão uns chutitos em espaço aberto. Espanta-nos (ou não) é que o benjamim, dito *barrigana*, só nos peça um resto de bola para aqueles prélios de meia tigela. Agora mesmo, quando tentava rabiscar, ele invade-nos

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**AGROPECUÁRIA** — Com o Verão à porta, as temperaturas subiram e tem-se sentido um calor abafado, mas que não impediu várias tarefas agrárias, embora sejam custosas. Os Rapazes, entrados em férias escolares, tiveram de se agarrar à luta da ocupação. Na jardinagem, concluiu-se o arrelvamento do jardim a poente do nosso salão de festas. Continuou-se a canalizar água, com muito material comprado, para a zona da encosta de frente para a rotunda Padre Américo; onde se continuou a cortar e a apanhar as ervas daninhas. Na horta, estacaram-se os feijões de trepar; e plantaram-se espinafres, bem como alfaces, tomateiros e cebolo. Nos campos, adubou-se o milho-grão, *na terra nova*, e regaram-se as culturas do milho e da batata, *na terra dos grilos*. Trataram-se as videiras (de uva de mesa), das latadas, o feijão e as batateiras. Enfardaram-se, carregaram-se e armazenaram-se (no palheiro e no celeiro) 470 fardos de aveia, crescidos no *olival dos poços*, no campo do *Ti Jaime* e na *terra dos grilos*. Ainda se compraram, na feira da vila, 43 frangos para carne que foram ocupar o seu galinheiro e sobrecarregar o gadeiro.

**ESCOLAS** — Para a maioria dos Rapazes, o ano lectivo terminou a 13 de Junho. No Centro Educativo, os Rapazes do 1.º Ciclo concluíram as suas actividades, participando numa festa, em especial os alunos finalistas do 4.º ano: Amadú, Betinho, João Madeira, N'anso e Rocha. É de notar que a maioria dos Rapazes do 1.º Ciclo fizeram boa figura nos exames. Entretanto, os resultados escolares finais vão saindo e Deus queira que transitem de ano. No início das férias das Escolas, vamos tendo também algum tempo de estudo, para não esquecermos as matérias.

**SAÚDE** — O Diogo Madeira teve de ser operado, em otorrinolaringologia, no Hospital Pediátrico do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Encontra-se em convalescença, com uma dieta própria, mas vai-se entreter na copa e na sala de jantar. Boa recuperação!

**DESPORTO** — O nosso Grupo Desportivo, próprio para os nossos Rapazes, disputou um desafio de futebol no nosso campo grande, a 15 de Junho, Domingo, pelas 16.00h, numa tarde quente, em que vencemos um grupo de Gândaras (Lousã), por quatro bolas a duas. Os treinos são bem necessários para ganhar os jogos. □

## MALANJE

São seis e meia da manhã e os meus companheiros de quarto despertam-me, dizendo que a sineta tocou para o pequeno-almoço. Levanto-me rapidamente, lavo a cara e, ao chegar ao refeitório, o chefe não me deixa entrar... esqueci-me de calçar as sandálias. Corro rapidamente ao quarto e calço as primeiras que encontro... quando regresso, o chefe dá o sinal para o levantar da mesa. Aproximo-me da mesa dos padres e digo-lhes que cheguei tarde. Dão-me um prato de arroz doce da sua mesa. Ao terminar, volto a correr ao quarto para fazer a cama, mudar de roupa, vestir a bata e pegar nos materiais da escola. Quando chego, já os meus companheiros estão em plena aula e a professora não me deixa entrar... fico-me a fazer tempo até à hora de recreio. Hoje, não aprendi nada... mas não dou importância, quase todos os dias se passa o mesmo.

É meio-dia e toca a sineta para o almoço. Vamos lavar as mãos antes de entrar no refeitório, pois o chefe está sempre atento e se as mãos estiverem sujas, não deixa entrar. Hoje é arroz com feijão... ontem foi esparguete com feijão... amanhã será arroz com feijão... o importante é comer. Depois, um passeio pelas mangueiras e abacateiros para sobremesa e jogar futebol com uma bola de trapos.

Soa a sineta, é hora do trabalho. Vou para a cozinha com outros gaiatos. A nossa tarefa: limpar bandejas, pratos, talheres, chão. O lixo deve estar nos seus baldes e separado dos restos que vão para os porcos. Normalmente em duas horas tudo fica limpo.

Depois do trabalho, tempo livre para brincar até à hora do Terço. Rezamos um pouco e, depois, o chefe faz alguns comentários. Hoje, recorda que a escola começou, que devemos estudar; e chamou a atenção a alguns que não trabalharam. Termina dizendo que devemos ir buscar o material escolar e ir para a sala de estudo, para fazermos as tarefas escolares de casa. Sempre há alguns que não deixam estudar, mas são castigados a lavar os pratos do jantar.

É hora de jantar e estamos muito contentes. Hoje é funje, o chefe da mesa reparte tentando dar a mesma quantidade a todos. Hoje ouve-se falar durante a refeição porque estamos a desfrutar do jantar. Passada meia-hora o chefe dá por terminada a refeição e manda sair do refeitório.

Hoje não me sinto «repleto» (expressão para dizer que não me sinto satisfeito). Ao fundo, alguns gaiatos aproximam-se da mesa dos padres para pedir mais funje. Eles, normalmente, dão-nos e dizem-nos algumas piadas como o sermos uns glutões.

E são cerca das nove da noite. Vamos ver um pouco de televisão porque vai dar uma partida de futebol. Às nove e meia, retiramo-nos para os nossos quartos, para descansar.

O meu nome? Sou um gaiato. Minha idade?... uns dez anos. □

## PAÇO DE SOUSA

Fausto Osvaldo

**PISCINA** — Alguns Rapazes fizeram a limpeza à volta da piscina e podaram algumas das árvores que lá tem. Depois esvaziaram-na para poderem limpá-la por dentro. Antes de se encher de novo, a piscina é molhada várias vezes para que o sol não estale os azulejos. Quando estiver cheia a piscina, fica aberta para que os Rapazes possam mergulhar e saltar da prancha e jogar dentro de água.

**POMARES** — Foram regadas as macieiras, as laranjeiras e as outras

árvores de fruto, para se desenvolverem e darem bons frutos. Estes frutos depois de serem colhidos são guardados na despensa. Elas são uma categoria para nós porque nos dão boas sobremesas.

**FUTEBOL** — Quando acabam os trabalhos os Rapazes convidam-se uns aos outros para formarem equipas para jogar futebol. Quando há poucos Rapazes, jogamos aos cruzamentos, para marcarmos lindos golos até que os outros cheguem. Antes de começar o treino vamos

à bica buscar água fresquinha para matar a sede aos atletas.

**JARDINS** — Os canteiros ajardinados têm sido regados e retiradas as ervas que neles vão crescendo. Já temos flores nos jardins, que ficam mais bonitos nesta época da Primavera. Quando pudermos, vamos deitar estrume para que as plantas se desenvolvam mais. Junto ao canteiro da casa 3, tinha um banco onde o Pai Américo ia sentar-se para descansar um bocadinho, por isso devemos ter muito cuidado com este canteiro. □

# Implantação da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

## CASAS DO GAIATO

### PORTUGAL

**Casa do Gaiato do Porto**  
Mosteiro • 4560-373 PAÇO DE SOUSA  
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799  
E-mail: obradarua@iol.pt  
NIB: 0045 1342 40035524303 98

### Casa do Gaiato de Beire

4580-281 BEIRE  
Tel./Fax: 255 776 178  
E-mail: gaiato-calvario@sapo.pt  
NIB: 0018 0000 06209336001 33

### Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

Bujos • 3220-034 MIRANDA DO CORVO  
Tel.: 239 532 125 • Fax: 239 532 099  
E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt  
NIB: 0035 0468 00005577330 18

### Casa do Gaiato de Setúbal

Estrada da Casa do Gaiato  
2910-281 SETÚBAL  
Tel.: 265 501 227 • Fax: 265 529 064  
E-mail: cgsetubal@sapo.pt

## ANGOLA

### Casa do Gaiato de Malanje

C. P. 192 MALANJE  
E-mail: casadogaiatodemalanje@gmail.com

### Casa do Gaiato de Benguela

C. P. 820 BENGUELA  
Tel./Fax: 00244 272 232 266  
E-mail: gaiatobenguela@netangola.com

## MOÇAMBIQUE

### Casa do Gaiato de Moçambique

Boane • C. P. 591 MAPUTO  
Tel.: 00258 21 49 52 48  
Fax: 00258 21 49 52 49  
E-mail: casagaiato.maputo@gmail.com

## CALVÁRIO

Calvário  
4580-281 BEIRE  
Tel./Fax: 255 776 178  
E-mail: gaiato-calvario@sapo.pt  
NIB: 0018 0000 06209336001 33

## LARES DO GAIATO

### PORTUGAL

**Lar do Gaiato do Porto**  
Rua D. João IV, 682  
4000-299 PORTO  
Tel./Fax: 225 370 300

### Lar do Gaiato de Coimbra

Trav. Padre Américo  
3000-313 COIMBRA  
Tel.: 239 712 648

### Lar do Gaiato de Lisboa

Rua Ricardo Espírito Santo, 8 r/c, dto.  
1200-791 LISBOA  
Tel.: 213 966 333

### Lar do Gaiato de Setúbal

Rua Morgado de Setúbal, 91  
2910-700 SETÚBAL  
Tel.: 265 537 798

### Oficinas:

Rua Camilo Castelo Branco, 22-A  
2910-444 SETÚBAL  
Tel.: 265 523 054 • Fax: 265 537 799

## ANGOLA

### Lar do Gaiato de Luanda

Rua Ferreira do Amaral, 80  
C. P. 1788 LUANDA – ANGOLA

## LARES DE FÉRIAS

**Colónia de Férias da Casa do Gaiato**  
Rua do Gaiato  
4480-164 AZURARA

### Colónia de Férias da Casa do Gaiato

Rua Padre Américo  
3070-727 PRAIA DE MIRA

### Lar de Férias da Casa do Gaiato

Portinho da Arrábida  
2925-378 AZEITÃO  
Tel.: 212 180 527

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

### Casa do Gaiato de Setúbal

Algerúz  
2910-281 SETÚBAL  
Telem.: 934 612 499

OBS.: — A Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal — Loures — deixou de pertencer à nossa Obra da Rua ou Obra do Padre Américo em 2006, passando para a alçada do Patriarcado de Lisboa.

## SETÚBAL

Padre Acílio

## O Gordo

ESTÁVAMOS no fim do jantar e os Rapazes já se haviam retirado da sala. Apenas os serventes e os da obrigação do refeitório levantavam as mesas e limpavam a sala.

Fiquei sentado a observar tudo e a impor paz ao movimento da rapaziada, enquanto também descansava um pouco.

Vindo da cozinha, apareceu-me um casal com uma menina entre eles, dirigindo-se a mim. Ele dobra-se e beija-me. Eu levanto-me para cumprimentar a esposa, pois pela atitude dele apercebi-me tratar-se de um antigo gaiato. O reflexo do olhar, o jeito da cabeça, a posição das bochechas, falavam-me, mas eu não descobria o seu nome. Só me lembrava o apelido e deixei-me apoderar de um embaraço conflagrador por não me lembrar do seu nome.

Cumprimentei com afecto a pequenina, com 5 anos, e convidei-os a sentarem-se à mesa para jantar com o à-vontade que a cozinha sempre me franqueia. Sopa há sempre, sobremesa também e o resto, compõe-se. Mas havia sobrado bastante *segundo* e a Senhora deu-lhe um jeitinho numa pequena travessa de loiça, com óptima apresentação.

A menina, agarrada ao pai, não se cansava de falar das vaquinhas pequeninas, dos porquinhos tão lindos e dos atraentes pintainhos. Queria era ir para junto deles.

— *Oh, pai deixa-me!*

— *Não! Agora, comes e depois, outro dia, volta-me cá.*

Pedi licença e, discretamente, dei uma escapadela à cozinha, a perguntar à Senhora o nome do rapaz.

— *É o Rui Gordo, então não se lembra?!*

Regressei para junto dos meus convivas mais tranqüilo, pois com o seu nome na boca não desgostaria ninguém!

O que eu sofri com ele?! E ele comigo! Vem agora tão afectuoso e tão maduro ver-nos e jantar com a sua família à nossa mesa!

Soube, depois, que já tinha desabafado com a Senhora o que a vida lhe ensinara e a felicidade com que recorda, apesar de tudo, a sua estadia nesta Casa!

Foi uma indescritível e feliz recordação. O Gordo, um rapaz tão meigo e tão rebelde, como está agora um homem amadurecido. A vida abriu-lhe os olhos para a beleza da nossa Casa!

— *Não calcula! Eu nem sei dizer.*

## BENGUELA

Padre Manuel António

## Dia da Criança Africana

HOJE é o dia consagrado à Criança Africana. Omês de Junho, com o dia 1 marcado como o dia internacional da Criança, tem o dia 16 para a lembrança especial da Criança Africana. O coração da sociedade africana, com toda a riqueza humana que possui, está em cada uma das suas crianças. Daí o amor, até ao sacrifício da própria vida, para salvar da miséria uma multidão de filhos. Deste modo, haverá uma sociedade renovada. Quem dera! O grande problema que aflige o mundo das crianças africanas, concretamente de Angola, é o abandono dos filhos da parte dos pais, como temos referido, muitas vezes. É consolador, contudo, verificar o esforço que se faz para dotar as crianças com as condições básicas para serem cidadãos normais. Neste dia 16 de Junho, acabo de participar num encontro maravilhoso de milhares de crianças que frequentam algumas escolas desta zona. Há, sem

dúvida, uma preocupação muito séria das entidades oficiais, como da Igreja também, pela preparação escolar das mulheres e dos homens do futuro. Estes homens e estas mulheres são as crianças de agora. Contudo, a multidão dos filhos abandonados não permite o repouso do coração queimado pelo fogo do verdadeiro amor. É preciso mais! Sempre mais!

Pai Américo, quando viveu em África, Moçambique, como simples trabalhador leigo durante 18 anos, apercebeu-se também do problema da criança africana, no que toca ao abandono familiar. Quando Deus lhe deu a *martelada* da vocação sacerdotal, regressou à sua terra natal. Ao fundar a Obra da Rua com o seu ramo das Casas do Gaiato, o seu coração estava marcado pela situação da criança africana também. Daí, vem o sonho para estender as Casas do Gaiato a Moçambique e Angola. Não conseguiu ver realizado este projecto, bem

Vive numa zona turística e cuida dos carros dos grandes, sobretudo estrangeiros! — *Grandes marcas!* —, diz ele.

— *Mas tu és mecânico?*

— *Sou. Tenho uma oficina, mas trabalho com a porta fechada. Se eles lá forem eu digo logo: eu não sei roubar, tenho família e preciso de comer! Mas não posso aguentar a porta aberta. Exigem tudo, levam tudo e eu não posso.*

O Rui expandiu as suas mágoas, reconheceu os seus erros e, carregado de gratidão, pôs em evidência os próprios receios: — *A minha filha é como eu: tenho tanto medo do que irei sofrer com ela!*

A esposa levanta-se todos os dias às cinco da manhã, para trabalhar numa pastelaria e, apesar da distância a percorrer e da noite a cair, não tinham pressa. O sabor do encontro, da paz, do perdão e da alegria são prazeres que não se gozam todos os dias.

*Fazer de cada rapaz um homem é não só uma dívida que contraímos com os acolhidos nesta Casa, mas, às vezes, um terrível e duradouro sofrimento que resulta sempre em saborosa vitória.*

## Encontro anual dos Antigos Gaiatos do Sul

TEM estado inactiva a Associação dos Antigos Gaiatos de Setúbal, mas nem por isso se deixa de realizar, ao menos, o Encontro anual que está marcado para o primeiro Domingo de Julho, dia 6.

A reunião de todos com a sua família é fundamental para cultivar a amizade, avivar a fé, sentir o amor e matar saudades.

A situação económica não deve ter influência em ninguém, nem os que estão melhor, nem os que estão pior. Julgo que nenhum gaiato vem à sua Casa para alardear grandezas, roupas, carros ou posição social. Todos aqui fomos criados. Uns mais inteligentes, uns com mais sorte, mais juízo e consciência, atingem patamares sociais mais elevados que outros. Mas em nossa Casa reina um amor universal e uma fraternidade que a todos acolhe e vivifica.

O convite dirige-se também aos que foram da antiga Casa do Gaiato de Lisboa.

Não te deixes levar pelo desânimo. Não penses nas dificuldades que os outros te podem pôr; deixa-te arrastar pelo desejo de veres e seres visto pelos teus colegas.

O mais importante é a comunhão feita com todos. Lembra os outros. Traz os que andam desgarrados e faz-te anfitrião da festa. □

guardado no seu coração, porque não tinha vocações sacerdotais, enquanto era vivo. Depois da sua morte o sucessor de Pai Américo, na Direcção da Obra da Rua, o P. Carlos, interpretou e assumiu de forma admirável, a vontade de Pai Américo. O Pai do Céu deu a Sua colaboração imprescindível, ao suscitar novas vocações para a Obra da Rua. Deste modo, nasceram as Casas do Gaiato, em Angola, nas cidades de Malanje e Benguela, há cinquenta anos e meio.

A Criança Africana entrou, deste modo, no coração da Obra da Rua e no coração de todos vós, assim o cremos. Por isso, sentimos como porção da nossa vida, até à medula dos ossos, a vida destes filhos africanos para quem a Casa do Gaiato de Benguela quer ser a sua Casa de Família, quando são abandonados. A rua continua a ter muita força naqueles que viveram lá, durante bastantes anos. Por isso, de vez em quando, há uma fuga. Assim aconteceu, há dias, com o Walter, de 13 anos, e o Messias que teve a mesma

## O NOSSO TERÇO

Padre João

**A** CABÁMOS de rezar o Terço dos mistérios do Santo Rosário. É a oração tradicional de uma família católica que manteve porque, no entender do grande educador, o Pai Américo: «*A educação religiosa nas Casas do Gaiato não se discute...*». Como está muito calor, esta Oração mariana, cá em Casa, há muito — que eu me lembre — é feita a meio da tarde, na hora da antiga sesta. O local, um espaçoso corredor, dantes cheio de Rapazes — nos tempos áureos do acolhimento institucional... Local ventilado, amplo e arejado a condizer com as condições requeridas para uma oração proveitosa nestas condições atmosféricas.

Os Rapazes, sentados num comprido banco de madeira, fixo ou sob os arcos que sustentam o andar superior e lhe conferem uma feição claustral, ficam em frente uns dos outros. De vez em quando, os olhos cruzam-se mutuamente e, certamente, pela quebra da rotina, aqui e além, esboçam-se leves e rápidos sorrisos — que farão também sorrir a Mãe, creio! Não é fácil esta postura corporal e facial, nem para adultos nem para a gente nova...

Bruno Moisés é quem preside, hoje, e enuncia os mistérios. Como se esquecera do «livrinho dos mistérios», teve de ir por ele — que isto de saber de cor é tarefa para muitos anos... Padre Acílio não esperou e começou a Oração mariana. Entretanto, mal chegou o nosso Rapaz, ele mesmo retomou ficando a presidir, como é costume.

Observo que alguns, tendo chegado de chinelos, se descalçaram, num «sem cerimónia» e a seu gosto, até pela frescura que dimana do pavimento. Estão em Casa e entre irmãos... O meu pensamento voou até ao Cenáculo, àquele lugar onde Jesus instituiu o «Sacramento da Caridade», numa tarde parecida. Pergunto a mim mesmo — como estariam os pés dos Apóstolos...?

Foi também numa tarde destas que enviou o Espírito Santo, estando eles reunidos no Cenáculo com Maria: «Como estariam os seus corações...?». Mesmo ao pé da Mãe, com muito medo, «e de portas trancadas...» —, diz-nos o evangelista. E estes Seus filhos, nesta tarde quente de Junho, aqui e agora? Tão difícil responder!

No *terminus* do tempo pascal, estes e outros pensamentos levaram-me o pensamento para o Ministério do Papa Francisco, para a contemplação das suas palavras, repassadas de amor evangélico e pastoral; principalmente, para aquela insistência que lhe é particularmente querida, de uma Igreja voltada para as periferias. Quantos destes Rapazes não são fruto das periferias humanas e geográficas do nosso tempo e sociedade tão desigual? Eles os preferidos do Senhor! De pés suados e coração dorido em tão pouco tempo de caminhada humana...! E o Terço acabou sem dar por isso. Mas não confessarei esta salutar distração. Que Deus me perdoe! □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

atrás dela: — *A bola furada?! Não é dura e não salta, pelo que pode rematá-la e dominá-la. Também na vida humana, se pode perder o controlo dos acontecimentos e ter dificuldade em refrear as iras e erupções de orgulho. E diante do sofrimento inocente e que atinge quem nunca deseja as guerras que outros fazem? Quem dera que o desenvolvimento de toda a pessoa fosse uma bola de neve até à realização da sua vocação querida por Deus desde o ventre materno.*

Cada pessoa, ao seu jeito, pode dizer não com pequenos gestos ao fosso entre opulentos e miseráveis, neste planeta azul, manchado por sangue e lágrimas sem conta, e poluições destruidoras do ozono, sem poupar até o pulmão amazónico.

Num terreno pedregoso, junto a umas alminhas, a poente, sonhámos plantar mais oliveiras, também como sinais, para que a esperança renasça todas as manhãs. Assim, elas possam crescer frondosas e perdurar à vista de olhares inocentes, laboriosos e tementes a Deus! □

origem. Regressaram, passados dois dias. Prometeram não voltar a fugir. É interessante a resposta dada pelo Walter: quero ficar para sempre na Casa do Gaiato. É livre e já está na adolescência. Esperamos que seja verdade.

Temos vivido momentos muito consoladores com a visita das algumas famílias que nos trazem também ofertas para o nosso viver diário. Ontem, dia 16 de Junho, centenas de crianças que frequentam um Colégio muito amigo vieram conviver com os nossos filhos. Este convívio é muito saudável, de parte a parte. Deste modo, sentem-se da mesma família social, unidos pelo amor. Deixaram-nos donativos alimen-

tares. A comunidade paroquial de S. João do Cassoco veio também, com o seu pároco à frente, preparar a festa do seu Padroeiro com um acto de amor muito generoso. É, na verdade, consolador viver esta comunhão do povo conosco. É sinal de que a Casa do Gaiato de Benguela está, cada vez mais, no coração do povo. Quem dera! Pai Américo fez esta experiência, ao longo de toda a sua vida. O povo tem a Obra da Rua no seu coração, donde sai a partilha que garante a sua existência. Continuamos a esperar a vossa ajuda, com um beijinho dos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela para os vossos filhos e todos vós. □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

**D**URANTE esta quinzena várias vezes visitei o B-22, da Rua do Antigo Olival, na Bela Vista. É que fiquei com o encargo de 600€ pelo trabalho de recuperar a casa, vigiar a qualidade e prontidão do trabalho feito, relatados no último *Património*.

Na verdade, a casa ficou um mimo!

Faltavam ainda as portas das casas-de-banho, as fechaduras dos quartos e uma mãozinha de polimento nas aduelas e portas.

Com duas latas de quinze litros de tinta, que me haviam dado, mais uma comprada, fizemos um lote de cor muito agradável para as paredes interiores do andar.

Um montão de entulho enchia a comprida varanda exterior. —

*Quem carregou tanto desperdício?* — Perguntei. Logo, o pai de família se aprontou com visível alegria: — *Fui eu que carreguei tudo.*

Toda a aparelhagem eléctrica foi renovada e daquilo que nos têm dado, tirámos algumas tomadas e interruptores; o resto, ainda custou 72€.

Na nossa carpintaria preparava-se uma bancada de cozinha e reconstrói-se um lindo móvel de sala. O fogão e o frigorífico, já adquiridos, levar-lhos-emos logo que o trabalho acabe e a casa esteja limpa.

Ainda aguardamos que nos cheguem ou peçam para irmos buscar: camas, cadeiras, uma mesa de sala-de-jantar, que esta-

rão por aí, algures, abandonados, fazendo falta a esta família.

Lençóis de cama temos com fartura, pois uma lavandaria ofereceu-nos três contentores deles, e toalhas que estamos a arrumar e a distribuir.

Quando a gente fecha a porta, se alheia do meio envolvente que caracteriza o bairro, sentimos uma aprazível sensação de estarmos numa casa normal para uma família comum. Assim, percebemos que a acolhedora casa se transforma num apetitoso refúgio e numa defesa eficaz contra a degradação estabelecida nos seus arredores.

Esta acção tem ainda o mérito de dar trabalho a quem não o tem. Dois homens negros ladrilham e

colocam os azulejos nas paredes. Diligentes e seguros do que realizam, estes homens, também pobres, são um contraste flagrante com tantos outros, em magotes, a jogar às cartas, a chalacear, num triste esquecimento de qualquer compromisso familiar ou social.

O bairro tem muito poucos cafés ou lugares de diversão, comparativamente ao denso povo que o habita, mas os homens e algumas mulheres, fazem ponto de encontro e passatempo em qualquer sombra ou abrigo, estirados nas escadas, nos passeios, à sombra dos prédios ou das raras árvores.

A Câmara tem conseguido mobilizar alguns para a limpeza

e pintura dos prédios que eles próprios habitam, oferecendo tinta e meios, mas, me parece, com enorme dificuldade.

A inércia acumulada que passa de geração para geração é um vício muito difícil de vencer e, como acarreta sobre si a preguiça, transforma-se em viveiro de todos os males, fazendo frente às mais belas tentativas de uma boa socialização.

São já muitas as casas que o *Património* tem recuperado, neste infelizmente famoso subúrbio de Setúbal e, com esta acção, ajudado os respectivos moradores a recuperar e manter a sua dignidade humana. □

## MALANJE

Padre Rafael

# Tanto amou Deus o mundo...

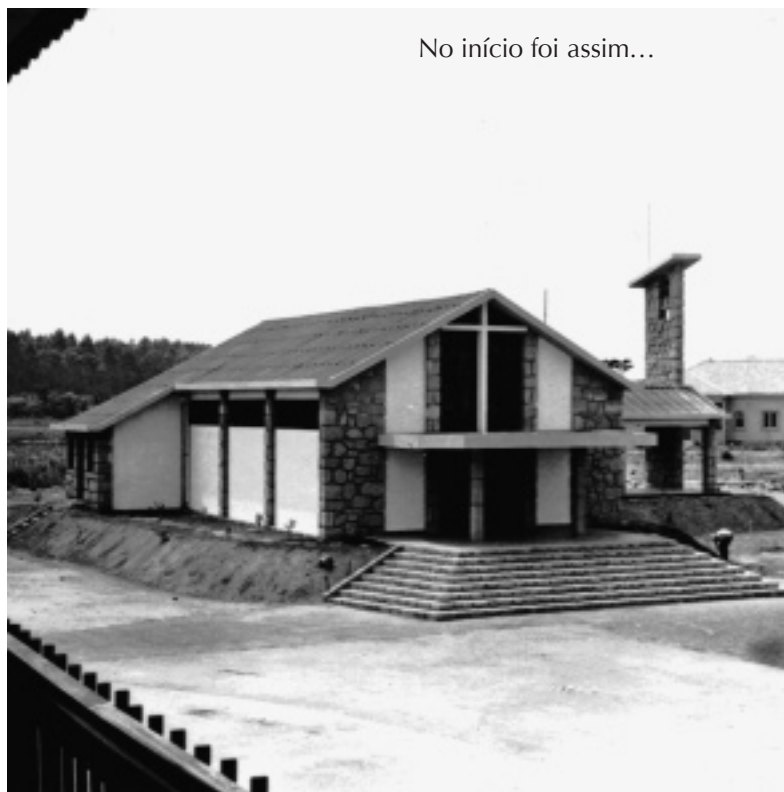
**F**INALMENTE inaugurámos a casa 3, depois de ser reformada: telhados, quartos-de-banho, dormitórios — lindíssima. O problema pôs-se: quem deveria habitá-la. A resposta não tardou. Os chefes decidiram que seriam os «Batatinhas». Os pequenos entraram, e alguns descalçaram-se para não sujar o chão.

Continuamos a recuperar as ribeiras do pequeno rio, pois que a nossa Casa do Gaiato está situada no encontro de três nascentes. Nos passados anos recuperámos uma boa parte, este ano prosseguimos. Quando temos algum castigado, este é um lugar para cumprir o castigo: limpar as valas. Depois, há um ou outro que voluntariamente continua, mesmo que tenha terminado o castigo.

Hoje recebemos a visita do Padre Paul, do Seminário. Quando nos encontramos, disse: «Que bem chegaste, todos sentimos a tua falta». Continuamos no Seminário o Adão Antunes e o Adão Vitelo, ao que parece os seus comportamentos são exemplares — que orgulho para qualquer pai, não!...

Pouco a pouco, redobra no coração dos Rapazes o amor pela família. Hoje, gaiatos que estão foram, vieram passar o dia conosco. Durante o almoço brincavam: «Irmãos em tudo, não só diante dos Padres». É o milagre do Reino que quer mostrar-se diante de nós, para que creiamos que é mesmo possível.

Hoje chegou um dos nossos trabalhadores: «Ajude-me a trazer a minha mãe que está muito doente. Tu és o nosso pai». A mãe encontra-se em uma aldeia a mais de cinquenta quilómetros e neguei-me. Ele continuou insistindo e eu neguei-me. Ele continuou insistindo — e me dei por vencido.



No início foi assim...

Vieram umas Irmãs trazendo um pequeno chamado Marcelino. Quando as vi, lembrei-me de lhes ter dito para trazerem o pequeno hoje. Segundo elas, os pais são alcoólicos. Traziam uma mala com coisas para o pequeno. Disse-lhes que aqui tudo é comunitário, há mais de 13 anos. O pequeno não tardou em dizer que queria ficar na Casa do Gaiato.

A serra de cortar madeira leva mais de vinte dias parada,

pois partiu uma peça. Depois de várias tentativas, resolvemos levá-la a uma casa especializada. A empresa conhecia a Obra da Rua e pediu ao seu melhor mecânico da especialidade que reparasse a peça. Ontem o senhor Luís me chamou, disse que a serra estava reparada e podia ir por ela. Quando lhe perguntei quanto tínhamos de pagar, de pronto respondeu: «De mão-de-obra, nada. É a minha colaboração para a Casa do Gaiato». Obrigado. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

Ai de mim, se cuidasse unicamente da saúde dos garotos, e descurasse a sua educação religiosa! Ai de mim, se intencionalmente não fizesse de uma coisa e outra degrau seguro para subir alto até lhes tocar na alma! Ai de mim, que o pecado de omissão é matéria do tribunal de contas!

in *Pão dos Pobres*, vol. II, p 133

## VINDE VER!

Padre Quim

# Recomeçar

**D**EPOIS de um mês sem aulas os Rapazes retomaram o dever de estudar e, como sempre, as dificuldades de regressar à escola impuseram-se. Como se tivessem perdido o apetite depois de terem sido interrompidos no decorrer de uma saborosa refeição, assim os nossos estudantes! A norma veio das instâncias superiores. Foi ele. Pois, foi o censo!, por causa dele houve férias. Não em boa altura! As notas do trimestre passado são preocupantes, vamos começar com o estudo, também, da parte do fim do dia, para darmos a volta à situação. A falta de interesse pela escola e as más companhias “de fora”, são males para destronar do nosso seio. Nós temos a missão de fazer da criança um homem — mas se ela não quiser? Não há fórmula mágica para a substituir no seu dever. E chegando a idade dos 19, dos 22 e, até, 28 anos, andam com medo do autogoverno. É o tempo da moratória psico-social. Diria “Erikson” na sua psicologia do desenvolvimento. E sem vontade e interesse não há quem os queira empregar. E o não ter nada que fazer é o caminho para o rio da criminalidade que, quase sempre, desemboca na cadeia — lugar sem solução, máquina de fabricar crimes futuros.

Fugiu da nossa Casa o «Walter», tem 13 anos, levou consigo o «Messias», uma criança de 5 anitos que no princípio do ano chegou do Abrigo dos Pequenininhos pelas mãos das Irmãs do Santíssimo Salvador. Andaram perdidos. Ruas de Benguela e da Catumbela os viram famintos e sujos. Pedindo às portas dos estabelecimentos. A dignidade de filhos lhes foi roubada pelos atrativos da rua. Pedir a este e àquele cinco ou dez kwanzas. A mentalidade mercantilista já impera. Estudar e cumprir com os deveres, é a garantia para se fazerem homens para o amanhã. Voltaram para Casa depois de dois dias. Mande-os, de novo, à rua para se saciarem de quanto ainda restara para consumir a sede da fuga e da libertinagem. Não havendo mais nada que os prendesse, lá regressaram a Casa, que é a única família que têm. Qual filhos pródigos! Em busca da dignidade perdida e do afecto paterno. Estão outra vez na nossa família, as camas postas e arrumadas, a sopa à mesa e a escola os esperam, os deveres também, disto não podem fugir. Deles é a Obra da Rua. Nós somos servos desta Obra e eles, os pobres, os donos credenciados. A verdade é pura e dura e quando dita, é sublimidade na mesquinhez das desculpas sem fundamento. É a tal transparência dum ensino sem educação.

Hoje celebramos o Dia da Criança Africana. Os dados estão à vista de todos, os que tendo olhos para ver observam mais do que o simples olhar de um turista, sabem que arde o coração com o quanto sofre a criança. As gritantes condições em que a criança ainda hoje se encontra, no continente, constitui matéria suficiente para se sentarem no banco dos réus todos os que devendo fazer o bem, por direito e posição social que auferem para salvaguardar os Direitos da Criança, deixam de o fazer por negligência. Ainda é tempo para se fazer alguma coisa para inverter o quadro. Elas, alegres, dão-nos a esperança no futuro!

Veio passar o Dia da Criança, um grupo de meninos e meninas de um colégio da cidade. Visitaram as instalações acompanhados pelos nossos cicerones. Os vitelinhos encantaram; as ovelhas, famintas por falta pastos verdes, também os impressionaram. Foram para o salão fazer bailados com os nossos. Muita alegria, muita paz merecida a estes pequeninhos. E foi grande a generosidade destas crianças, quando dos seus cestos cheios ofereceram à Casa do Gaiato o quanto traziam no coração.

Se é assim com as crianças, dando uma lição aos adultos, que será, amanhã, quando forem homens? É o humanismo real. □